

Construções com *se* Apassivador e Indeterminador na História do Português: do Passado ao Presente, a Gênese de um Processo de Mudança Linguística em Curso

***Se* Constructions in the History of Portuguese: from the Past to the Present, the Source of a Process of Linguistic Change in Progress**

*Edson Ferreira Martins*¹

RESUMO: No presente trabalho, realizamos um estudo sobre a sintaxe histórica da língua portuguesa, focalizando as construções com *se* apassivador/indeterminador. Partindo de uma concepção de *língua histórica*, considerada em sua dimensão sociolinguística (COSERIU, 1979; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, e LABOV, 1972), analisamos a situação de variação e mudança linguística por que passam tais construções na gramática do português arcaico. Para tanto, utilizamos quatro *corpora*, representativos da prosa literária e não literária do português dos séculos XIII, XIV, XV e XVI.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança linguística. História da língua portuguesa. Sintaxe histórica. Construções com *se*.

“O passado é um imenso pedregal que muitos gostariam de percorrer como se de uma auto-estrada se tratasse, enquanto

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de Évora (Portugal). Professor Adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

outros, pacientemente, vão de pedra em pedra, e as levantam, porque precisam de saber o que há por baixo delas. Às vezes saem-lhes lacraus ou escolopendras, grossas roscas brancas ou crisálidas a ponto, mas não é impossível que, ao menos uma vez, apareça um elefante [...]”

José Saramago (2008, p. 29)

1 Introdução

Numa pesquisa anterior, dedicando-nos à análise das construções tradicionalmente denominadas de *voz passiva pronominal* ou *sintética* em português, a partir da análise de um *corpus* de língua escrita do Português Brasileiro (doravante PB) do século XX, encetamos um estudo sociolinguístico das construções com *se*². Nesse estudo, pudemos atestar a situação de variação linguística que envolve a gramática destas construções no PB contemporâneo.

A literatura disponível sobre o tema (SAID ALI, 1919; NARO, 1976; NUNES, 1990) sinalizava, entretanto, para a questão como um caso de mudança linguística em curso na sintaxe do português, que começaria a ser percebida em meados do século XVI. As limitações com as quais lidamos nesse estudo preliminar, motivadas sobretudo pelo recorte sincrônico que operamos na língua, pouco permitiram aprofundar sobre o fato da mudança em questão, de maneira que saímos dali com a certeza de maiores perguntas.

A busca das respostas continuou, entretanto, numa segunda etapa, em que realizamos uma pesquisa em nível de doutorado na Universidade de Évora, Portugal. Com o propósito específico de realizar um estudo histórico-linguístico das construções com *se* na gramática do português, a pesquisa se

² Cf. Martins (2004).

desenvolveu norteada pelos seguintes objetivos: (i) fazer um “mapeamento” do estatuto sintático-semântico das construções com *se* apassivador e indeterminador, ao longo dos séculos que compreendem o período arcaico da língua (cf. a proposta periodológica de Mattos e Silva, 2008), a partir das teorias modernas sobre a mudança, como as desenvolvidas por Coseriu (1979), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (1972); (ii) compreender como a gramaticografia de língua portuguesa, a filologia e os estudos histórico-linguísticos construíram a teorização sobre esse sintaticismo; (iii) contribuir para o melhor conhecimento da língua portuguesa, a partir de uma concepção de língua entendida em termos coserianos como “*real e histórica*” (COSERIU, 1979, p. 94).

No presente texto, buscamos apresentar uma síntese dos resultados obtidos no estudo diacrônico que empreendemos sobre as construções com *se* na história do português, particularmente no que tange aos itens (i) e (iii) dentre os objetivos específicos citados acima³.

2 Sobre a situação de variação e mudança linguísticas envolvendo as construções com *se* apassivador e indeterminador

Um dos objetivos que motivaram a realização da pesquisa era investigar em que momento particular e sob que condicionamentos sociolinguísticos se construiu o processo de mudança linguística por que passam as construções com *se* apassivador/indeterminador na história da língua portuguesa. A literatura existente apontava para o período compreendido entre o quinhentos e o seiscentos, sob a observação de que “the non

³ Para uma análise do que estabelecemos como objetivo no item (ii), veja-se Martins (2010).

agreeing construction gained general acceptance sometime between the mid-15th century and the mid-16th century” (NARO, 1976, p. 798).

Em nossa pesquisa, dedicando-nos à tarefa de analisar detidamente o período arcaico da língua⁴, também encontramos usos da forma inovadora, que podem ser entendidos de duas maneiras: (i) como casos de *reinterpretação semântica do clítico*, que passa de apassivador a indeterminador; e (ii) ou como casos de *concordância verbal facultativa*.

2.2.1 A reinterpretação semântica do clítico

Nos textos que compõem os *corpora* dos séculos XIII e XIV, não foram encontrados exemplos da forma inovadora, em que não se observa a concordância entre o verbo e o objeto semântico/sujeito lógico⁵. Exemplos dessa natureza foram detectados apenas a partir do século XV, com 7 ocorrências, às quais se somam outras 4, encontradas em textos do século XVI. Nesse conjunto de 11 ocorrências, há que se observar a diferença sintática entre dois tipos de representação do sujeito, que pode vir expresso por um SN (6 casos) ou por um pronome relativo (5 casos).

No que se refere aos exemplos coletados em textos do século XV, os dados se distribuíram da seguinte forma: encontramos 4 ocorrências com sujeito representado por SN, sendo 1 exemplo de prosa não literária e 3 de prosa literária

⁴ O *corpus* foi montado com a utilização tanto de textos literários quanto não literários, escritos em prosa, e distribuídos ao longo dos quatro primeiros séculos da história do português, do XIII a meados do XVI, conforme a proposta periodológica de Mattos e Silva (2008) para a cronologia do português arcaico.

⁵ Resultado semelhante obteve Mariana Oliveira, analisando *corpora* diacrônicos do mesmo período (cf. OLIVEIRA, 2005, p. 56-57).

(contidos no LEBCTS ⁶, texto produzido em 1437-1438), conforme os exemplos (1), (2), (3) e (4) transcritos a seguir:

- (1) [...] e mays vos damos out(r)o jornal de vjña q(ue) jaz en(n)a rribeyra, e mays outra ((L014)) peça de vjña q(ue) jaz en(n)as vielas, **as q(ua)es d(i)tas vjñas** vos damos & aforamos p(ar)a senpre ja mays por jur ((L015)) de herdade & a vosos suçesor(e)s q(ue) de vos deçenderen & a tal co~diçio~ q(ue) a vosa mort(e) de vos os d(i)tos Garçia Polo ((L016)) & vosa moll(e)r lo no~posades deyxar saluo a hu~a p(er)sona & q(ue) p(ar)a senpre ja mays en vosa vida & morte ((L017)) & de vosos suçesor(e)s no~ **se deujda por herd(eyr)os** av~n q(ue) seja~ moytos [...]. (TNGNP, século XV, in MAIA, 1986).
- (2) E **aquestas cousas suso scriptas** nom devem seer regardadas pera cavalgar em qual quer besta, mais soomente **se deve proveer** pera algu~a que seja muyto fazedor; (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (3) [...] **o assesego e a ssoltura se gaanha** per saber da manha e husança della, como ja tenho scripto. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (4) Pera derribar qual quer alymaria, achei certa speriencia se a lança trazia de forte aste e bem asteada: em ferindo, se bem entrava, tirava de ssolacada per ella ao trave´s, carregando contra o cha~a~o, por que ficava em maneira d'alçaprema, **poucas se tiinha** que nom caysse, stremadamente se o fazia da viinda do cavallo; (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).

Em (1), exemplo retirado de um texto datado de 1475, o

⁶ A referência aos textos utilizados na pesquisa é feita aqui por meio de abreviaturas, conforme a seguinte convenção: LEBCTS = Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela; CA = Crónica de Afonso X; CRB = Chronica dos Reis de Bisnaga; CP = Castelo Perigoso; DCS = Dos Costumes de Santarém; DPCA = Documentos Portugueses da Chancelaria de D. Afonso III; FG = Foros de Garvão; FRA = Foro Real de Afonso X; TA = Testamento de D. Afonso II; TNGNP = Textos Notariais da Galiza e do Noroeste de Portugal; TN = Textos Notariais; TNOx = Textos Notariais do Arquivo de Textos do Português Antigo; TP = Tempos dos Preitos.

encadeamento sintático característico dos textos notariais faz com que o SN fique muito distanciado do respectivo verbo, o que pode ter contribuído para que a relação de concordância não tenha sido observada. Já em (2), o SN que é sujeito da primeira oração não vem expresso na coordenada adversativa, o que pode ter favorecido o “descuido” do autor do texto; a forma verbal desta última demonstra que não existe aí relação de concordância sujeito-verbo, marca sintática típica da forma conservadora. Em (3), por sua vez, o SN apresenta dois núcleos, está contíguo ao verbo, e tampouco se observa a concordância verbal. O exemplo (4) apresenta o verbo “ter” no sentido existencial, acompanhado do clítico, e, como se percebe, também não se observa a concordância entre o verbo e o sintagma.

A esses 4 casos de sujeitos representados por SNs, ainda no século XV, se somam 3 ocorrências de sujeitos realizados por pronome relativo, 2 encontradas em textos de prosa não literária, datados, respectivamente, de 1426 e 1434, e 1 ocorrência encontrada na prosa literária, contida no LEBCTS. Nos três casos, ainda que o pronome relativo retome SNs de número plural, não há concordância entre o verbo e o sujeito (= pronome relativo):

- (5) [...] et nos deades en cada hu~u an(n)o por dia ((L022)) de Netal seys mrs ou moeda q(ue) os valla segu~do correr ao tenpo ((L023)) et faredes todolos outros boos husos et custumes **q(ue) se** senp(re) ((L024)) delo **fezo** a nos et ao d(i)to noso moest(e)i(r)o [...]. (TNGNP, século XV, in MAIA, 1986).
- (6) [...] & a ley do Valiano q(ue) he en ajuda ((L029)) das molleres & a ley q(ue) dis q(ue) geeral rren(u)nciaço~no~ valla & todas las out(r)as bo~as rrazo~es ((L030)) & d[e]fenso~es **q(ue)** por mj~ **podese dizer & alegar** en contrario desto q(ue) d(i)to he & en esta ca(rt)a se ((L031)) cont[e~]; (TNGNP, século XV, in MAIA, 1986).

- (7) E esto mede[^]s faz nos cuydados dalgu~as obras, que lhe parecerem boas e virtuosas, **que se despo~o~e** a elles assy destemperadamente que nom te~e~ cuydado de comer, dormyr, nem da folgança ordenada que o corpo naturalmente requiere. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).

Complementando os exemplos acima citados, referentes ao século XV, encontramos, no século XVI, 2 ocorrências com sujeitos representados por SN. Ambas são exemplos de prosa literária, e estão contidas na CRB:

- (8) Capitullo do despojo que dos mouros ficou, e elrey fez queimar todos os mortos, e do que fez Xpova~o de Figueiredo, &c. Estamdo elrey asy no arayal, mamdou recolher ho despojo que dos mouros ficara, no quoyal **se achou cimco capitae~es**, que era~o captivos, os mays principaes, **os quoaes se achara~o** antre os mortos, o mays principall d elles era Salebeteca~o, que este era capita~o geral de toda a gente do ydalca~o [...]. (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).
- (9) Ymdo adiante temdes hu~a rua larga e fremosa, acompanhada de boas casaryas e ruas da maneyra que dito tenho que ellas sa~o, e **entemde se as casas dos home~es** que sa~o pera ysso; (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).

O exemplo (8) é significativo para a compreensão da força centrípeta que, em face do aparecimento da forma inovadora, a norma literária começaria a exercer sobre a sintaxe das construções com *se*, força essa construída sob a ideologia dicotômica do certo *versus* errado. Como podemos perceber na leitura do fragmento, a forma inovadora é substituída, na sequência, pela forma conservadora. A situação de variação envolvendo as duas formas sintáticas, aqui, é evidente, dado que as duas construções apresentam os mesmos constituintes mínimos, a diferença se resumindo à presença ou não da

concordância verbal. Tão evidente quanto é a preocupação do autor do texto em se autocorrigir imediatamente, em função da estigmatização que a construção sem concordância provavelmente já sofria. Conforme salienta WLH (2006) ao tratarem do *problema da avaliação* dos falantes sobre a mudança linguística, os usuários de uma língua percebem tanto os elementos invariantes quanto os variáveis envolvidos na interação linguística. Dessa forma, o julgamento que fazem das formas linguísticas variantes é fundamental para a compreensão dos limites com que concebem sua própria liberdade criativa frente ao sistema linguístico.

Ainda no *corpus* do século XVI, há outras 2 ocorrências, com sujeitos representados por pronome relativo, 1 exemplo colhido em texto de prosa não literária, documento produzido em 1514, e outro, de prosa literária, encontrado na CRB:

- (10) [...] E p(or)quantoelles anbos dantre sy querja~
 escusar p(r)ejt(os) (e) demandar ((L016))
 hodehos (e) mallquere~cas gastos (e) despesas de suas
 faze~das **q(ue) se** sob(re)ello ((L017)) **podeRja**
Recreçer [...]. (TN, século XVI, in MARTINS, 1994).
- (11) [...] por que as cousas d esta cidade na~o sa~o como as
 das outras cidades, que muytas vezes lhes falta~o os
 mantimentos e provyso~is, e nesta sempre sobeija tudo,
 e asy manteiga e azeyte e muito leite, **que** cada dia **se**
vende, he cousa que se na~o pode deixar de escrever, e
 a muyta criaça~o de vacas e bufaras que ha na cidade,
 em gramde parte se na~o achara outra que tal tenha;
 (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).

De posse dos dados acima comentados, em síntese, pode-se concluir que estamos diante da seguinte realidade linguística:

- (i) Ao longo do desenvolvimento do período arcaico da língua portuguesa, as passivas pronominais se constituem tradicionalmente com a presença da

relação de concordância verbo-sujeito, sendo que nas duas primeiras centúrias do referido período (séculos XIII e XIV) não há nenhum registro de ocorrência da forma inovadora, “the non agreeing construction”, como lhe chama Naro (1976, p. 798).

- (ii) partindo do que nos permite analisar a documentação remanescente, observamos que, no século XV, inicia-se o processo de variação linguística em torno das construções com *se*; nesse período da língua, encontramos 7 casos de reinterpretação semântica do clítico; desse processo reinterprelativo, a marca mais saliente é a perda da relação de concordância entre o verbo e o sintagma, que passa a desempenhar a função de complemento verbal em tais construções.
- (iii) A situação de variação linguística detectada no século XV se estende ao século XVI, em cujos textos encontramos 4 ocorrências da forma inovadora.

Tendo por base o que afirmamos em (ii), e retomando os apontamentos descritivos feitos por Naro (1976), pode-se concluir que o autor está correto quanto à cronologia que propõe, uma vez que, efetivamente, os casos de *se* apassivador reinterpretado como *se* indeterminador inexistem antes do século XV. Nos textos analisados nesta pesquisa, o primeiro exemplo de uso da forma inovadora que encontramos se deu num texto notarial, datado de 1426. Entretanto, observamos que a afirmação do referido autor de que as construções envolvendo o uso da forma inovadora tenham ganhado aceitação geral a partir de meados do século XV é contestável, se levarmos em consideração a sua frequência em contraste com o número de ocorrências da forma conservadora (cf. Gráfico 1 *infra*).

De acordo com a presente pesquisa, em todo o século XV, foram computadas 309 ocorrências de passivas

pronominais. Dessas, isolamos os casos em que ocorrem somente sujeitos em número plural — situação que “obriga” o autor do texto a se posicionar quanto ao estabelecimento ou não da relação de concordância verbal nas passivas pronominais (cf. Tabela 1).

Tabela 1 - Distribuição das formas inovadoras e conservadoras com sujeito em número plural nos *corpora* dos séculos XV e XVI

TIPO DE CONSTRUÇÃO	SÉCULO XV			SÉCULO XVI		TOTAL
	PnL	PL		PnL	PL	
	TN	CP	LEBCTS	TN	CRB	
formas conservadoras	23	10	92	4	39	168
formas inovadoras	3	Ø	4	1	3	11
TOTAL	132			47		179

Em relação ao século XV, somando-se os exemplos de prosa não literária e literária, constatamos que existem 132 ocorrências de sujeitos no plural. Desse conjunto, nada menos que 125 ocorrências, ou seja, 94.7% dos casos, referendam o uso da forma conservadora, usos esses que coexistem ao lado dos 7 casos já comentados em que surge a forma inovadora, o que representa apenas 5.3% dos exemplos coletados no *corpus* desse século. A situação não é muito diferente no século XVI, em cujos textos encontramos, ao todo, 47 ocorrências de sujeitos no plural, o que nos dá uma proporção de apenas 4 casos de uso da forma inovadora (8.5%) contra 43 ocorrências da forma conservadora (91.4%). Se quisermos considerar as estatísticas

dos dois séculos finais do período arcaico em conjunto, concluímos que, em 93.8% dos casos (168/179 ocorrências), prevalece o uso da forma conservadora. Nesse sentido, em lugar de “aceitação geral” para as construções com *se* indeterminador que rivalizam com as de *se* apassivador nesse período da história da língua, deve-se falar, com mais propriedade, em resistência à sua implementação.

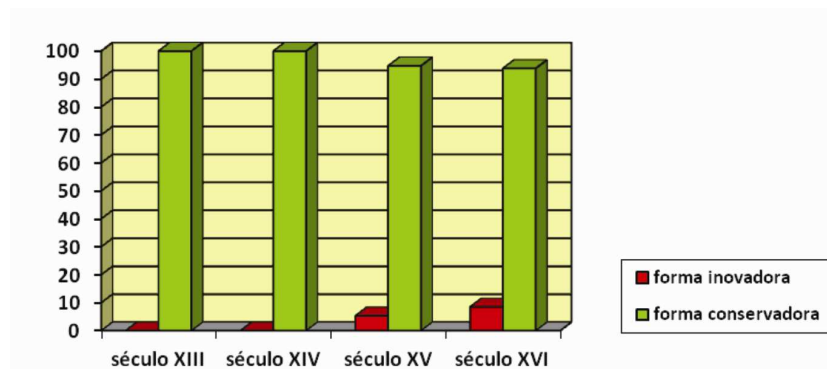


Gráfico 1 - Distribuição das formas inovadoras e conservadoras com sujeito em número plural nos *corpora* dos séculos XV e XVI⁷.

Esse quadro analítico permite concluir que, em algum momento do século XV, os usuários do português começaram a oscilar seu juízo quanto à ideia de que a construção contivesse, de fato, um sentido passivo⁸. Mas há que se pensar o

⁷ No Gráfico 1, os valores foram dados em porcentagem.

⁸ Em relação à observação que fazemos, cumpre aqui retomar a análise sempre lúcida que faz Said Ali dos fatos da língua. Referindo-se à baixa frequência de uso da forma inovadora, bem antes dos avanços científicos por que passaria a linguística histórica no último século, já tinha notado o eminente sintaticista brasileiro que “existem, mesmo em escriptores apreciados, exemplos de verbo no singular, como *ajuntou-se tambem a estas differenças as tomadias que os nossos fizeram*, Barros, Déc. I, 6, 1; *primeiro se nota . . . os perigos*, ib. 3, 2, 1; *com outras obras se consegue . . . estes nomes*, ib. 1, 9, 2. Mas estes casos constituem insignificante minoria quer na linguagem literaria em geral, quer na linguagem de um mesmo autor. Não autorisam o uso da discordancia; provam todavia que quem assim

desenvolvimento do português arcaico como um todo. A ausência da forma inovadora nos textos dos séculos XIII e XIV mostra que as passivas pronominais já tinham se estabelecido na prosa literária e não literária do português como uma tradição sistemática (COSERIU, 1979). Igualmente, julgamos que o número esparsas de ocorrências da forma inovadora nos séculos XV e XVI é significativo para se dimensionar em que proporções começava a se travar a “luta” entre as duas sintaxes, numa competição que, iniciada desde aquele momento, se estende até a sincronia atual, num lento e gradual processo de variação e mudança linguística na gramática do português.

O fato cronológico do surgimento da forma inovadora, situado na primeira metade do século XV, põe em evidência o papel desempenhado pelo falante, que modifica a língua tradicional a partir de sua atividade linguística, conforme a sua percepção dos sentidos negociados pelo uso da construção sem concordância. Nesta perspectiva, o estudo diacrônico das construções com *se* em português confirmam o ponto de vista coseriano sobre a importância de se conceber a mudança como parte essencial dentro do plano da teoria geral da linguagem, pois

a língua *se refaz* porque o falar se fundamenta em modelos anteriores e é falar-e-entender; *supera-se* pela atividade linguística porque o falar é sempre novo; e *renova-se* porque entender é entender além do que já se sabia pela língua anterior ao ato. A língua real e histórica é dinâmica porque a atividade linguística não é *falar e entender uma língua, mas falar e entender algo novo por meio duma língua* (COSERIU, 1979, p. 94).

Ao mesmo tempo, a *inovação* representada pela construção sem concordância confirma a importância da compreensão do *problema do encaixamento linguístico* no

escreveu devia ter o sentimento de regimen com relação ao substantivo posposto” (SAID ALI, 1919, p. 157).

estudo da mudança. Conforme observam Weinreich, Labov e Herzog, é muito raro que fatos de língua em mudança passem de um sistema inteiro para outro, sendo mais comum que “um conjunto limitado de variáveis” altere “seus valores modais gradualmente de um pólo para outro” (WLH, 2006, p. 123). Sobre as formas em variação tem papel ativo o falante, que é concebido sociolinguisticamente como um sujeito dotado de uma competência multidialetal. Nesta perspectiva, a análise que fizemos da inserção das formas inovadoras no conjunto de dados que formam o sistema linguístico do português no período arcaico referendam as posições teóricas defendidas por WLH (2006).

2.2.2 Os casos de concordância verbal facultativa

Nas orações adverbiais finais do tipo *pera se infinitivo*, os exemplos coletados demonstram que, nessas estruturas, ocorre um caso de concordância variável no português arcaico em que ora se considera o SN (i) um complemento verbal, ora se vê nele (ii) o sujeito sintático. Assim, na relação sintática apontada em (i), não se estabelece o mecanismo de concordância, como em (12), e o clítico funciona como indeterminador:

- (12) Como se deue fi'j' r ho omi'zio.
 Cus(tume) he de fi'j' r ho omizio aquel que ha-de
 correger & estar e~ geolhos & meter o seu cuitelo na
 ma'á' o aquel q(ue) ha quejxume dele & ho outro deue-o
 a filhar pela ma'á' & erge-lo & beiga-lo ante home'és
 bo'ó's & pera lj fica~ amigos
 Como sse g(uar)da. E ora por q(ue) no~ fiq(ua) omizio
 entre as p(ar)tes husa-sse como sse as partes aue'ém.
 pera sse **partí' r sas contendas**. (DCS, século XIV, in
 RODRIGUES, 1992).

Já na situação descrita em (ii), o SN e o verbo concordam normalmente, conforme ocorre em (13), o clítico funcionando como apassivador:

- (13) E todos se devem trabalhar pera saberem muitas dellas, segundo o estado, hidade e desposiçom em que forem, por o grande proveito e folgança que dellas muytas vezes percalçom e filham os que dellas sabem husar, reguardando geytos e tempos segundo compre **pera se bem fazerem**. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).

Essas construções totalizaram 8 casos, sendo que em 5 delas o SN é tratado como complemento verbal, conforme os exemplos (12), (15), (16), (17) e (18); nas outras 3 ocorrências, o SN é tido como sujeito, mantendo-se a concordância na relação SN-SV, como ocorre em (13), (14) e (19). Abaixo estão transcritos os outros dados referentes à estrutura em questão:

- (14) Por que nom ha despesa pera que mais sem empacho requeiram mercees aos senhores que **pera se comprarem bestas e as governarem**, nem os senhores mais geralmente acustumem de fazer. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (15) E quem soamente serve por temer, ainda **o desejo e o amor** ficam livres **pera se juntar** a outra cousa, e crecendo muyto farom passar a força do temor. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (16) E aqeste exempro ponho aquy por cada hu~u~ conhecer se acerta bem [em] esta manha, veendo a vantagem que faz sobre seu lanço de cavallo quando a lança de pee, e esso meesmo tomarem avysamento, quando quiserem lançar, de sse guardarem quanto bem poderem de todollos contrairos das advantage~e~s suso scriptas que se devem filhar **pera se fazer grandes lanços**. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).

- (17) It(em) ma~do q(ue) a noujdade de ogan(n)o de Ponferrada et de Colinbraa~os et de seust(er)mjnos asy pa~ com(m)o vjño q(ue) a no~ ((L063)) venda~ fasta pasado o Natal ou q(ua)ndo viren q(ue) mays valrra´ **p(ar)a se reparar** **os d(i)tos be~es** et p(ar)a comp(r)ir neutestam(en)to. (TNGNP, século XV, in MAIA, 1986).
- (18) [...] enta~o mamdou elrey trazer todollos home~es que estava~o presos, que merecia~o morte, e os mamdou ally degollar, e com ysto foy a obra avante, e fez hu~a serra no meyo d este valle ta~o gramde e ta~o larga, que avera na largura hu~u tiro de beesta, e de comprido, e gramdes espaços, e por bayxo deyxou canos por homde a augoa saya, e quoamdo querem çarra~o nos, e com esta augoa se fezera~o muytas bemfeytorias nesta cidade, e muytas levadas de que se rega~o aroztes e hortas, e **pera se fazer bemfeytorias**, deu estas terras, que se rega~o com esta augoa, por nove anos de graça, atee fazerem bemfeytorias, de maneira que remde jaa agora vinte mill pardaos. (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).
- (19) Este rey fez na cidade de Bisnaga muytos muros e torres, e cercou ha novamente, por que a cidade a este tempo na~o hera nada, por nella na~o aver augoa **pera se poderem fazer ortas nem pumares**, salvo a augoa de Nagumdym que vay afastado d ella, por que ha que na terra avya era toda salgada, que na~o deixava cryar nada; (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).

Em termos da cronologia do período arcaico, essas estruturas de concordância variável se distribuíram pelos séculos XIV (1 ocorrência), XV (5 ocorrências) e XVI (2 ocorrências), estando ausentes no século XIII, pelo menos nos textos que analisamos.

Outro tipo de situação que se enquadra nos casos de concordância facultativa se verifica em exemplos de sujeito coordenado pelas conjunções *e* e *ou*, em que o verbo concorda

com o elemento mais próximo da série coordenada. No caso da coordenação por *e*, foram encontrados 3 exemplos, todos em textos do século XV:

- (20) [...] & uos au(er)des os dous t(er)ços por uoso lauor & collerd(e)s o d(i)to pan & bjño p(e)lo mo~je & home do d(i)to ((L023)) most(eyr)o & dard(e)s de comer & de beberaaq(ue)l q(ue) porlo d(i)to most(eyr)o esteu(er) a coller o **d(i)to pa~ & byño en q(ua)nto se** ((L024)) **coller & byndimar.** (TNGNP, século XV, in MAIA, 1986).
- (21) Com paaos e vara enssynam, ajudam e correm as bestas em tempos desvayrados, dos quaaes poerey algu~u~s exempros por os quaaes nos semelhantes **se pode filhar conselha e avysamento** pera dello se aproveitar. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (22) [...] do boo saber e husança desta manha **se perde muyto a preguyça e empacho** pera provar e saber muytas outras, pello corpo que se faz pera ello mais desposto, e as outras seerem de menos trabalho e mays sem periigo do que esta he. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).

Ocorrências semelhantes foram detectadas por Mattos e Silva (1989, p. 167-173), em sua análise dos *Diálogos de São Gregório*. A autora observa que, nestes casos, em que o sujeito é constituído por expressões sinônimas (ou parossinônimas), o português arcaico permite a concordância verbal facultativa. Acreditamos que os exemplos (21) e (22) estão contemplados pela explicação fornecida pela linguista brasileira, enquanto que em (20) o sujeito, se não é parossinônimo, apresenta-se como um todo indivisível, portanto, equivalente a uma forma de número singular.

Encontramos também nos dados outros 3 exemplos com sujeitos compostos, coordenados por *ou*, em que o verbo fica no singular: no primeiro deles, (21), o pronome relativo pode estar se relacionando anaforicamente tanto a “ladro~” quanto a

“malfeitor”, situação análoga a (22), em que o relativo pode se referir a um dos três elementos — “proveito, honra ou prazer”. Já no exemplo (23), os termos coordenados aparecem topicalizados e preposicionados, sendo que o verbo auxiliar está flexionado em P3 e a concordância parece se fazer com o termo mais próximo:

- (21) E enestes dyas ia dictos nenhuu omen no~ seya ousado nen (co)nstraniudo d'entrar en preyto se no~ for a p(ra)zer dos alcaydes e d'ambas as p(ar)tes ou se [no~] for p(re)yto q(ue) seya d'ome de fora de nosso reyno, ou se no~ for **ladro~ ou malfeitor** de q(ue) se deue a faz(er)justiça [...]. (FRA, século XIII, in FERREIRA, 1987).
- (22) E dizem que se faz algu~a cousa por desejo de honesta fym, quando nos praz de a fazer por amor dalgu~a virtude symprezmente, nom avendo princypal te[n]çom a outro **proveito, honrra ou prazer que se dello seguyr possa**, mes sollamente por sabermos que he bem o fazemos, sem aver sperança por tençom principal a gallardom que dele se spere. (LEBCTS, século XV, in PIEL, 1944).
- (23) De **feri'da asi'na'a'da ou de ne~bro tolheyto** como se deue correger.
 Custume h(e) q(ue) sse faço a' a'lgue~ feri'da asi'j'na'a'da di'z
 q(ue) lhy tolhy ne~bro q(ue) demande do ne~bro. se qui's(er) ou de feri'da p(er) ssa qual qui's(er). E sse qui's(er) dema~dar do ne~bro no~no pode faz(er) p(er) ssa Jura con a feri'da. (DCS, século XIV, in RODRIGUES, 1992).

Entendemos que os casos arrolados nesta seção não devam ser interpretados como exemplos de reanálise semântica do clítico, dado que o uso do verbo no singular configura-se, na verdade, como uma escolha estilística dos usuários.

2.2.3 Os casos de hipercorreção

Segundo Dubois et al. (2001, p. 323), o fenômeno da *hipercorreção* — também dito *hiperurbanismo* — consiste no ato de o usuário da língua buscar um princípio de correção que acaba por se elevar “acima da própria correção”. Temendo cometer equívocos linguísticos, entendidos numa perspectiva normativa como “erros populares”, o usuário termina por criar enunciados que trazem a marca do que seus autores mais temem: o próprio desvio da norma gramatical estabelecida.

Assim como no caso da inovação linguística, a hipercorreção se relaciona ao problema da avaliação, isto é, o problema de se compreender a maneira pela qual os falantes se posicionam em termos dos juízos de prestígio ou estigma em face de formas variáveis de uma determinada língua.

No caso do uso das construções com *se* apassivador/indeterminador, enunciados⁹ como

(24) Vende-se mudas.

(25) Aluga-se 2 cômodos.

são a forma a ser evitada, por serem tidos historicamente na tradição gramatical em língua portuguesa como um tipo de “erro sintático”.

Como resultado da hipercorreção que age sobre o uso de tais construções, surgem frases em que os usuários se valem de estruturas que, via de regra, apresentam um verbo na terceira pessoa do plural em discordância com o sintagma que realiza sintaticamente o sujeito frasal. Nos dados analisados, encontramos dois exemplos de hipercorreção (cf. 26 e 27 abaixo). No primeiro deles, encontrado na prosa literária do

⁹ Exemplos colhidos em Martins (2004, p. 73), com base em dados do Português Brasileiro, em *corpus* de língua escrita, datado do século XX.

século XV, o sujeito é representado pelo SN “exemplo”, que está no singular, em P3, a despeito de o verbo “po~em” estar no plural, flexionado em P6:

- (26) C(api'tul)o #XXXIII — Da pacie^ncia, em q(ue) **se poem exemplo** desa meesma (CP, século XV, in NETO, 1997)

Outro caso se observa na *Chronica dos Reis de Bisnaga*, onde consta o seguinte exemplo:

- (27) [...] elrey faz muito gramde honrra ao que daa a beijar os pees, porque as ma~os na~o daa a beijar a nenhu~a pesoa, e asy quoamdo quer contentar os capita~es, ou pesoas de quem tem recebidos, ou quer receber serviço, da lhe pachari pera suas pessoas, que he muita honrra, e ysto faz cada um aos capita~es no tempo que lhe paga~o sua remda, que he no mes de setembro, omde nove dias se fazem grandes festas, hu~s dizem que **se fazem a honrra dos nove meses** que nossa senhora trouxe seu filho no ventre, e outros dizem que se na~o fazem sena~o porque neste tempo vem estes capita~es pagar as remdas a elrey, as quoaes festas sa~o d esta maneira, comvem a saber. (CRB, século XVI, in LOPES, 1897).

Nesse caso, parece lícito supor que o autor tenha querido fazer a concordância com a expressão no plural que ocorre no SPrep “dos nove meses”, desrespeitando a relação sintática esperada, que deveria ter sido feita entre o verbo e o núcleo do SN, “a honrra”. Seja como for, temos aí um caso de hipercorreção, em que fica explícito o temor do solecismo¹⁰ a ser evitado.

¹⁰ Parafraseando Labov (1994), poderíamos dizer que, aqui, a análise do que ocorre no presente explica o que aconteceu no passado, na medida em que um dos mais renomados filólogos e gramáticos brasileiros contemporâneos, fazendo coro à ideologia do temor em relação a esse “erro de sintaxe”, recomenda ao consulente da sua *Moderna Gramática Portuguesa*, numa seção intitulada “Vícios e anomalias de Linguagem”, que evite solecismos como “Aluga-se casas” (BECHARA, 2000, p. 598).

3 Considerações finais

Durante a elaboração da pesquisa, quanto mais realizávamos a revisão da extensa literatura dedicada ao estudo das construções com *se*, mais patente ficava a noção de que um estudo estritamente sincrônico não conseguiria abarcar a complexidade do problema sintático em causa. Como pressuposto teórico fundamental, seguimos, então, a proposta de Eugênio Coseriu, que supera a polarização engendrada pela dicotomia saussuriana *sincronia* vs. *diacronia* (SAUSSURE, 1997). Nessa guinada, inverte-se a linha proposta pelos estudos que seguem a orientação saussuriana, em que o estudo diacrônico é visto como assistemático, uma vez que, conforme propõe o linguista romeno, “é necessário partir da mudança para entender a formação do sistema (não para descrever *um* sistema, em *um* momento determinado), pois a realidade do sistema não é, certamente, menos problemática que a da mudança (COSERIU, 1979, p. 228).

Em relação aos subsídios para a melhoria do ensino da língua portuguesa – conforme o item (iii) dos objetivos –, nosso estudo se coaduna com a proposta de Marcos Bagno, para quem o estudo da história da língua deve servir, também, no combate ao preconceito linguístico:

A Gramática Histórica ou História do Português precisa se transformar numa investigação de *Sociolinguística diacrônica*. O estudo das fases anteriores da língua não pode ser feito como um objetivo em si, como mero reconhecimento dessas fases, nem muito menos como argumento para justificar a preservação de regras gramaticais em fase de obsolescência: é necessário que ele esteja fortemente vinculado à necessidade de explicar os aspectos atuais, *sincrônicos*, da língua. A Gramática Histórica tem ampla possibilidade de se tornar uma ferramenta eficaz no processo de desconstrução ideológica do preconceito linguístico (BAGNO, 2001, p. 303).

Um exemplo é particularmente ilustrativo aqui. Em trabalho anterior¹¹, analisando o uso das construções com *se* num *corpus* formado por produções textuais realizadas como prova para o ingresso em uma universidade brasileira, encontramos uma situação claramente denunciadora de como a visão do saber gramatical tradicionalmente instituído age¹² coercivamente sobre os limites da expressão da gramática intuitiva dos falantes (cf. Anexo 1). Numa dessas produções textuais, o candidato, ao fazer a redação a caneta, não pôde apagar o que já havia escrito. Embora estivesse, neste exato momento, redigindo seu texto com o uso da forma inovadora, subitamente ele interrompe a escrita, cancelando com um traço o “erro” sintático que ia cometendo; finalmente, ele reescreve a frase agora em consonância com o que pede a norma “cultá”. Pois bem, o exemplo (8) que analisamos no presente trabalho lança luz sobre o que Bagno defende, na medida em que o estudo diacrônico alinha-se aqui com o estudo sincrônico, mostrando que as perspectivas se complementam para o melhor conhecimento da gramática do português concebido como “*língua real e histórica*” (COSERIU, 1979).

No que se refere aos contributos teóricos da presente pesquisa, é preciso salientar que, para a história das construções com *se* apassivador/indeterminador em português, além das observações cronológicas de Said Ali (1919) e José Maria

¹¹ Cf. Martins (2004, p. 48 e ss.).

¹² Neste ponto, fazemos nossas as palavras de John Lyons (1987, p. 38): “Devemos agora frisar - e este ponto é muitas vezes mal entendido - que ao traçarmos uma distinção entre descrição e prescrição, não estamos dizendo que não haja lugar para o estabelecimento e prescrição de normas de uso. Obviamente há vantagens administrativas e educacionais, no mundo moderno, para a padronização do dialeto principal empregado em um determinado país ou região. (...) O problema de selecionar, padronizar e promover uma determinada língua ou dialeto em detrimento de outros está envolto em dificuldades políticas e sociais. É parte do que tornou-se conhecido por **planejamento lingüístico** - uma área importante no campo da sociolingüística aplicada”.

Rodrigues (1914), dispúnhamos dos trabalhos de Naro (1976) e Nunes (1990), este último consideravelmente extenso, recobrando a diacronia relativa aos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e XX. Faltava, contudo, um olhar acurado sobre o período das origens da língua. A análise linguística que realizamos possibilitou preencher essa lacuna no estudo desse sintaticismo na história do português. Nessa perspectiva, o trabalho realizado pretende contribuir para o alargamento do conhecimento da língua portuguesa tanto numa dimensão pancrônica, como no âmbito específico da estrutura e funcionamento sintático da língua no período arcaico. Sobre essa questão, vale a pena trazer à tona as palavras de quem tem se dedicado com afinco ao conhecimento do período da formação da língua portuguesa:

Não se pode dizer que o português arcaico não foi estudado. Pelo contrário. Dos estágios passados da história da língua portuguesa é certamente o mais estudado. O que, no entanto, deve ser marcado é que a bibliografia numerosa que se contruiu sobre esse período se desenvolveu, sobretudo, dos fins do século XIX para os meados do século XX. Na sua quase totalidade ela representa uma tradição de estudos filológico-linguísticos própria ao historicismo oitocentista: os métodos desenvolvidos pela linguística do século XX pouco foram aplicados ao português arcaico. Tanto no que diz respeito a possíveis estudos sincrônicos sobre essa fase pretérita, como no que se refere a estudos de mudança linguística, ou seja, de diacronia no tempo real. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 60).

No estudo do português, certamente ainda existem muitos temas que carecem de estudos. Outros há sobre os quais já correram rios de tinta. Neste segundo tipo se insere o estudo das construções com *se*. Ao termos concluído esta “viagem” diacrônica, nos parece apropriado retomar o pensamento de Vergílio Ferreira (1992, p. 226): «Não tenhas a pretensão de ser inteiramente novo no que pensares ou disseres. Quando nasceste já tudo estava em movimento e o que te importa, para seres novo, é embalares no andamento dos que vinham detrás».

Damo-nos por realizados se o trabalho feito tiver conseguido contemplar essa verdade.

Referências

- BAGNO, M. **Dramática da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança lingüística. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- FERREIRA, J. A. (Ed.). **Afonso X, Foro Real**. Lisboa: I. N. C. M., 1987. p. 125-309.
- FERREIRA, V. **Pensar**. Venda Nova: Bertrand, 1992.
- LABOV, W. The social motivation of the sound change. In: __. **Sociolinguistics Patterns**. Oxford: Basil Blackwell, 1972. p. 1-42.
- _____. **Principles of linguistic change**. v. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.
- LYONS, J. **Linguagem e lingüística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.
- MAIA, C. A. Textos Notariais da Galiza e do Noroeste de Portugal (1401-1497) In: __. **História do Galego-Português**. Coimbra: INIC, 1986. p. 19-295.
- MARTINS, A. M. (Ed.). **Clíticos na História do Português** - Apêndice Documental. Textos Notariais (sem data ou datados entre 1504 e 1548). Tese de Doutorado. v. 2. 1994. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- MARTINS, E. F. **Variação e mudança lingüística na análise da dita voz passiva sintética em português**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- _____. Da postulação da voz passiva pronominal em Português: Tradição e ruptura no pensamento gramatical brasileiro. In: **Revista Gláuks**, Viçosa, v. 10, p. 111-129, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. **Estruturas trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

_____. **O português arcaico**. Uma aproximação. v. I - Léxico e morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

NARO, A. The genesis of the reflexive impersonal in Brazilian Portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon. In: _____. **Language**, New York: Baltimore, v. 52, n. 4, p. 779-810, 1976.

NETO, J. A. S. (Ed.). **Duas leituras do Tratado Ascético-Místico Castelo Perigoso**. 1997. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1997.

NUNES, J. M. **O famigerado se**: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp, 1990.

OLIVEIRA, M. F. **A voz passiva portuguesa**: um estudo diacrônico. Dissertação de Mestrado. 2005. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.

PIEL, Joseph. **Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela**. Edição crítica de Joseph Piel. Lisboa: Bertrand, 1994.

RODRIGUES, J. M. Sobre um dos usos do pronome *se*: as frases do tipo *vê-se sinais*. In: _____. **Boletim da Segunda Classe da Academia de Ciências de Lisboa**. Coimbra, Imprensa da Universidade, v. 2, p. 3-14, 1914.

RODRIGUES, M. C. M. **Dos costumes de Santarém**. Dissertação de Mestrado. 1992. Lisboa: F. L. L., 1992. p. 160-251.

SAID ALI, M. O pronome *Se*. In: _____. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Typ. Besnard Frères, 1919. p. 141-167.

SARAMAGO, J. **A viagem do elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Postface de Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 1997. (Coleção *Grande Bibliothèque Payot*).

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ABSTRACT: In this paper, we carry out a study on Portuguese historical syntax, focusing on the *se* constructions. Based on a conception of *historical language*, considered in its sociolinguistic dimension (COSERIU, 1979; WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006; e LABOV, 1972), we analyze linguistic variation and change which these constructions undergo in the grammar of Old Portuguese. We used four *corpora*, representative of literary and non literary Portuguese prose of the 13th, 14th, 15th, and 16th centuries.

KEYWORDS: Linguistic change. History of Portuguese. Historical Syntax. *Se* constructions.

